

João Tordo

O ANO SABÁTICO

Romance



Primeira parte

Decidiu-se por um ano sabático embora ninguém lho tivesse concedido. Deixaria a cidade e, durante esse período, não planeava dedicar-se à música, que fora a sua profissão durante muito tempo. Quero, sobretudo, procurar não tocar, disse a Édouard, que tinha sido atropelado por um carro na semana anterior e usava um colar cervical e muletas. Estavam num café barulhento em Côte-de-Neiges. Édouard olhou-o com desconfiança e argumentou que lhe parecia uma estupidez, porque não se vivia assim tanto tempo como isso, e tirar um ano à vida era subtrair-lhe uma eternidade. Ele não lhe deu importância; estava por um fio e sabia-o. Na semana seguinte deixou Montreal num avião que fez escala em Filadélfia e, doze horas mais tarde, depois de vários atrasos e de temer pela vida do seu contrabaixo nas mãos dos homens que faziam o transbordo das bagagens, aterrou numa cidade que era a sua, mas que não conseguiu reconhecer.

Chovia em Lisboa, disse-lhe um homem enquanto esperavam pelas bagagens, sem que nada lhe tivesse perguntado. Olhou para o lado e descobriu um tipo baixinho, de óculos descaídos sobre o nariz e um bigode cor de caramelo. Respondeu que não se importava, a chuva agradava-lhe. O homem encolheu os ombros e meteu conversa com outra pessoa. Deu-se conta de que falava com sotaque; deu-se conta da inflexão ridícula que

imprimia às consoantes e da maneira efeminada como pronunciava as vogais. Carregando o enorme instrumento pelas portas circulares do aeroporto, encontrou um país molhado, o céu carregado de nuvens e um horizonte difuso no qual se plantava a melancólica inconsistência dos dias de Inverno. Aguardou quinze minutos até conseguir encontrar um táxi cuja bagageira fosse suficientemente grande para o instrumento. Ensonado, exausto, dorido, deu a morada ao condutor e, na sua primeira travessia da cidade em muito tempo, dormitou de cabeça encostada ao estofo de cabedal roto, sonhando, sem que ainda o soubesse, com o seu semelhante, com um homem que ainda não conhecera e que era, em tudo, idêntico e diferente de si próprio.

Abraçou ternamente Júlia. A irmã ajudou-o a carregar as malas para dentro de casa e depois, observando a caixa escura de vinte quilos que se erguia dois palmos acima da sua cabeça e que permanecia encostada ao elevador, como um monólito à espera da erosão, perguntou:

«Onde é que esperas que eu meta aquilo?»

Resolveram-se pelo quarto do sobrinho. Mateus dormia àquela hora. Era uma madrugada de Fevereiro. Enquanto entravam no quarto, Júlia deslizou o dedo indicador pelos lábios, invocando silêncio, e ele deixou o instrumento encostado ao canto mais afastado da cama onde o rapaz dormia. Numa cadeira, um palhaço de ombros descaídos e cabeça tombada lembrou-lhe, sem saber porquê, Édouard; num lampejo de pouca lucidez, imaginou que o palhaço sacaria de um trompete e desataria a tocar uma marcha militar, assustando o Homem-Aranha que se debruçava sobre o espaldar da cadeira. Teve vontade de rir mas não o fez: era nas alturas em que lhe apetecia rir que a tristeza mais se impunha.

A irmã perguntou-lhe se queria comer alguma coisa. O seu cunhado acordaria daí por uma hora para ir trabalhar e poderiam, se não tivesse demasiado sono, pôr a conversa em dia.

Recusou: tinha comido no avião (mentiu) e precisava urgentemente de dormir (seria incapaz). Júlia ergueu o braço como se fosse afagar-lhe o rosto mas, depois, limitou-se a encostar a porta do quarto de Mateus.

«Ficas no sofá da sala», disse-lhe. «Se acordares e vires uma desconhecida, é a empregada. Chama-se Dulcineia.»

Dulcineia, pensou Hugo, e começou imediatamente a reconstruir, na sua cabeça, uma melodia em Dó sustenido.

A última semana em Montreal servira para pagar dívidas. Nem todas haviam sido saldadas. A primeira – porque ainda lhe restava essa dignidade que é o código silencioso entre os músicos – foi com a sua *luthier*. Catherine era uma mulher jovem e bonita que habitava um segundo andar da rua Jeanne-Mance, uma alameda de plátanos, castanhos no Outono e de um verde intenso durante o Verão, aonde Hugo ia com grande frequência para averiguar do estado do seu contrabaixo com cento e trinta anos. Comprara-o num leilão no centro da cidade. Custara-lhe na altura todas as suas economias mais uma enorme quantia de dinheiro emprestado, e era o preferido da *luthier*, cujo *atelier* doméstico (decorado com instrumentos de muitas tonalidades, violoncelos desmembrados, violinos sem cordas, caixas de ressonância esburacadas, lascas de madeira e tornos onde repousavam, como pacientes à espera de um transplante, os contrabaixos em reparação permanente) era a salvaguarda de muitos músicos. Saldou a dívida com um cheque e um abraço. Jurou a Catherine que nunca levaria o seu instrumento a outro lugar; que esperaria pelo final do seu ano sabático e que, entretanto, ele próprio mudaria as cordas, verificaria o alinhamento da escala, rabiscaria grafite nos interstícios onde as cordas se retesavam contra o cavalete. Catherine abraçou-o; nunca abraçara nenhum cliente, disse-lhe. Ele sentiu-lhe o perfume, adocicado, ocupando o

espaço vazio entre a camisa e o corpo magríssimo. Apeteceu-lhe beijá-la; resistiu à tentação.

Pagou a Édouard uma velha dívida com o dinheiro da caução que o senhorio lhe devolveu. Conseguiu, através de uma ginástica que implicou vender catorze livros de pautas e uma antiga viola acústica, pagar as suas dívidas no Upstairs, o bar que frequentava na rua MacKay e onde tocara algumas vezes, acompanhado de uma cantora escandinava com quem tivera uma breve relação sem consequências. O pior fora o grande problema que arranjara com Boulay, que lhe ligava várias vezes por dia e deixava recados no gravador de chamadas. As mensagens eram silêncio ou quase silêncio, entrecortado pelo ruminar característico dos grandes fumadores, uma espécie de ronco distante, praticamente inaudível, que provocava em Hugo a sensação de uma despedida iminente desta vida. Boulay vivera em Moscovo, onde trabalhara como tatuador. Hugo pensava nele dessa maneira: como alguém que marcava, de maneira fatídica e indelével, a vida de todos os que voluntariamente se aproximavam. Como se fosse um vírus, ou a origem de uma doença maligna. Hugo, porém, aproximara-se de Boulay por outra razão. Em Montreal, o tatuador emprestava dinheiro a juros, e ele precisara de dinheiro para comprar o contrabaixo e alimentar o seu alcoolismo incipiente. O álcool, a partir de certa altura da sua vida, transformara-se numa espécie de gasolina que o fazia sentir-se, se não vivo, pelo menos um *zombie* sistematicamente aplaudido por ainda andar entre os vivos; por ainda respirar, ser capaz de sentir, ter a destreza necessária para erguer o braço esquerdo e pressionar, com a mão numa delicada mas hirsuta concha, as cordas que ressoavam na grande caixa castanha, produzindo notas que serviam de sustento aos outros músicos. Encontrara na bebida um filão quase permanente de inspiração, enquanto o seu corpo atravessava um deserto imenso de nutrientes, apodrecendo cada célula,

desenraizando cada órgão, conspurcando cada gota do seu sangue, matéria azeda e tóxica, contaminada. Assim tinha passado oito anos. Boulay enriquecera; ele tornara-se o mais pobre dos músicos, deixando o centro da cidade e mudando-se para um terceiro andar em Saint-Henri com vista para uma linha de comboio, a pequena varanda onde fumava cigarros de enrolar invadida por pombos que lhe defecavam aos pés, indiferentes à sua presença, ignorantes da sua humanidade, jocosos da sua condição. Quando, em Lisboa, se recordou dessas horas passadas à varanda – sem força para se levantar e enfrentar a realidade, rodeado das criaturas mais estúpidas do planeta, pisando os seus dejectos com os dedos dos pés nus –, enrolou-se no cobertor que a irmã lhe dera para se cobrir e afogou a cabeça no peito, envergonhado até ao ponto em que a vergonha se transforma em ausência – ausência de consciência, ausência de si, pura ausência: debaixo de um cobertor como se este fosse, não um pedaço de tecido, mas o resultado de um truque de magia.

Em várias alturas julgou que seria capaz de deixar aquela vida. Sentira-se capaz de o fazer. Sempre que olhava para o contrabaixo da idade do seu bisavô, deitado de lado no chão do apartamento de Saint-Henri como uma fêmea de ancas larguíssimas em repouso, que apelidara carinhosamente de *Nutella* – a cor era de um chocolate com avelãs coberto de uma suave *patine* de mel –, este despertava em si a alavanca de uma moral. Era um dever, não para consigo, mas para com a música, manter aquele instrumento vivo, operacional, capaz de ressoar e fazer justiça ao seu criador que, no obscuro ano de 1882, o construíra numa oficina da Checoslováquia. O seu descuido era o fim do contrabaixo. Os acidentes aconteciam, avisara-o Catherine mais de uma vez. Tentas vesti-lo à pressa depois de um concerto e as cravelhas acabam a bater no chão. Arrasta-lo escada acima, na pressa de saíres de uma cave, e ele escapa-te das mãos. Enfia-lo, embria-

gado, na bagageira de um táxi e, por descuido, deixas a porta aberta e vais buscar o instrumento ao asfalto um segundo antes de ser atropelado por um carro. Todas estas coisas lhe aconteceram.

Mas, por mais que tentasse – e por mais que o instrumento e a sua música sofressem –, não os conseguia deixar: nem o álcool, nem o seu credor, nem a angústia dos dias seguintes. Estava viciado, admitira-o a Édouard; viciado, sobretudo, na angústia – o que era ridículo e talvez contraditório, mas também humano. Relembrou ao amigo, que não bebia nem fumava e era, provavelmente, o único músico da cidade que vivia tranquilamente em Rosemont com uma mulher encantadora e dois filhos pequenos, as coisas que sempre sentira; as coisas que, mais tarde, a própria mãe lhe viria a confirmar. Depois de terminar o liceu, sentira-se aterrorizado perante as inúmeras possibilidades da existência, paralisando diante da necessidade de escolher um futuro, de continuar a estudar, de ser alguma coisa em definitivo em vez de coisa nenhuma a título temporário. Optara, assim, por ir passear pela Europa, durante meses, no carro decrepito de uma namorada. Quando regressou, percebeu que todos os seus amigos tinham entrado na faculdade. Percebeu também que lhe faltava alguma coisa e que essa falta jamais seria colmatada com uma carreira. Percebeu que sempre lhe faltaria alguma coisa; que era incompleto, insuficiente para si mesmo, e que, na verdade, tinha pavor de procurar essa coisa, uma vez que a procura corresponderia ao pior de todos os horrores.

Quando deixou Montreal, naquele dia de Fevereiro, Hugo estava já convencido de que, uma vez mais, mentira. Não deixava a cidade por causa dos maus hábitos, não abandonava a vida dos últimos treze anos porque era pobre que nem um rafeiro. Abandonava-a porque fracassara. Tivera ambições a partir de certa

altura; quisera ser mais do que um vagabundo ou alguém que vagabundeia de cidade em cidade fazendo trabalhos de circunstância, com notável perícia e quase nenhum empenho, sobrevivendo a caminho de parte nenhuma. Tinha quase trinta anos quando desembarcara em Montreal, por intermédio de um amigo irlandês que conhecera durante uma estadia em Dublin – recordava-se, com frequência, do Stag’s Head, um *pub* onde trabalhara como empregado – e o arrastara para o Festival de Jazz, um género de música que Hugo julgava interessar-lhe pouco mas ao qual, na verdade, nunca havia oferecido a mais singela oportunidade. No meio de cem mil pessoas, viu o concerto de um famoso guitarrista americano na avenida McGill e decidiu que queria ser músico; quando assistiu, todas as noites do festival, aos concertos de Charlie Haden, que tocou com músicos diferentes em cada sessão, apaixonou-se pelo som, o timbre, as curvas e o volume do contrabaixo de Haden. O amigo irlandês deixou Montreal e ele ficou. Ao fim de quase trinta anos, durante os quais se sentira irremediavelmente só e perdido, Hugo julgou ter encontrado um porto de abrigo, a panaceia para a sua constante angústia. A música não era um elemento inteiramente novo na sua vida: tinha aprendido guitarra na adolescência, um arremedo pueril motivado pelo facto de as raparigas do liceu gostarem de ouvir canções. Inspirado pela cidade e pelo festival, decidiu ficar. O primeiro apartamento em que viveu, em Concordia, partilhou-o com três estudantes. Um deles frequentava o curso de Composição da McGill University e aconselhou-o sabiamente: onde estudar, onde procurar um instrumento, como viver da música. Talvez fossem outros tempos, pensava agora Hugo; talvez, nessa altura, o mundo fosse mais simples, ou a sobrevivência fosse uma coisa de somenos quando comparada com a paixão recém-adquirida pela vida.

Em pouco menos de um ano começou a tocar em bares da cidade, com músicos novos e velhos, nas mais diversas formações. Um contrabaixista não era tão fácil de encontrar como um guitarrista ou um cantor. Doze anos mais tarde, havia muito que a curva ascendente da sua carreira atingira o ponto de inflexão, começando primeiro a resvalar e depois, a partir de certa altura, a cair a pique, com o dramatismo de uma Fuga de Bach em Sol menor.

«O que é que estás a fazer?»

A frase foi seguida de uma outra:

«Quem és tu?»

Voltou-se e viu Mateus. Por pouco não largou o *Nutella*, que repousava contra o seu peito como uma criança grande caída num pesadelo, de pijama encharcado pelo medo. Dormitara, escutara vozes, perpassara um sonho cruel e despertara estremunhado; a primeira coisa que fizera ao levantar-se fora ir buscar o contrabaixo ao quarto do miúdo. A casa encontrava-se, então, vazia e silenciosa. Abriu a caixa e olhou para o *Nutella* com o sofrimento de um pai zeloso, registando-lhe as rachas e amolgadelas nas comissuras, o verniz estalado, as mossas nas aberturas em *f*. O avião não era simpático com os instrumentos, sobretudo daquele tamanho. Pegou-lhe e registou-lhe a leveza. Era algo que sempre o espantara ao longo de todos aqueles anos: a leveza como contraponto ao tamanho, uma balança desequilibradíssima, uma equação quase impossível. Colocou-se em posição atrás da caixa e, erguendo o braço esquerdo numa curva quase perfeita, lançou as primeiras notas. Estava desafinadíssimo. Passou, decerto, muito tempo a afiná-lo e a subir e descer escalas pois, de repente, o dia morria nas janelas da sala e uma voz infantil indagava atrás de si:

«O que é que estás a fazer?»

Voltou-se e procurou sorrir, mas a expressão do seu rosto deve ter sido de assombro, pois Mateus recuou um passo discreto.

«Nada de especial. Estou a tratar deste meu amigo.»

À segunda pergunta respondeu que era o tio dele, o que vivia no estrangeiro. Mateus, de mochila às costas, baixou finalmente a guarda e aproximou-se. Veio, passo a passo, na direcção do contrabaixo e, erguendo a pequena mão rechonchuda – demasiado rechonchuda para uma criança de cinco anos –, tocou na caixa cicatrizada do instrumento.

«E como é que se chama o teu amigo?»

«*Nutella*.»

Mateus sorriu, um sorriso largo e aberto, um sorriso de leite. Faltava-lhe um dente da frente.

«Eu gosto de pão com *Nutella*.»

Hugo ergueu o braço esquerdo e tocou o *Sailor's Hornpipe*. Mateus começou a rir.

«Esta não é do teu tempo», disse o tio.

«É a música do Popeye», respondeu Mateus, que largou a mochila no chão e se sentou no sofá. «Toca outra», pediu-lhe.

Hugo respirou fundo e olhou pela janela. A chuva cessara, mas uma nuvem cinzenta, em forma de cérebro, pairava agora sobre a ponte, largando uma sombra opressiva sobre a cidade.

Levou o dedo mindinho ao Dó sustenido e começou a tocar a composição em que vinha trabalhando. Na primeira tentativa falhou algumas notas. Procurou recomeçar. Mateus olhava-o como se ele fosse um extraterrestre agarrado a uma nave ancestral. Da última vez que Hugo o vira, o sobrinho tinha dois anos. Já nessa altura começara a trabalhar naquele tema, uma melodia persistente, que se lhe revelava a qualquer hora, por qualquer motivo. A vida desregrada, caótica, tinha-o impedido de alguma vez a terminar e, por isso, a composição permanecia essencial-

mente mutável, alterando-se conforme as horas, os dias, os espaços, os estados de espírito. Agora, decidira, chamava-se *Dulcineia*. Subiu a escala de Dó sustenido uma vez, sacudiu a mão esquerda e recomeçou. O silêncio na sala foi invadido por notas firmes, precisas, ressoantes. Mateus tinha a braguilha e a boca abertas. Hugo tocou durante alguns minutos e depois tornou a parar: a melodia parecia interromper-se ali, por alguma razão; parecia esfumar-se como se houvesse um ponto de fuga musical, uma nota inacessível que não estava em parte nenhuma na longa escala do seu instrumento. Deu-se conta de que fechara os olhos. Quando os abriu, havia uma mulher parada à sua frente.

Hugo largou o braço do contrabaixo e segurou o instrumento com a anca. A mulher era pálida, de cabelo escuro – ou talvez menos do que escuro, uma vez que as pontas terminavam numa cor de avelã, tão parecida com a da caixa de ressonância que ele segurava – e muito jovem. Segurava um pano de cozinha na mão direita e torcia-o com os dedos da mão esquerda. Tratou-o por *senhor*; tinha um ligeiro sotaque da província, esfumado pela autoridade da capital.

«Quer lanchar?», perguntou a rapariga.

«Não tenho fome», respondeu Hugo. E depois atreveu-se: «Obrigado, *Dulcineia*.»

Ela sorriu quando ele pronunciou o seu nome.

«Gostei do que estava a tocar», continuou *Dulcineia*, que se aproximou de Mateus e, puxando-lhe as calças para cima, lhe começou a fechar os botões da braguilha. Mateus sorria. Hugo sentiu, por alguma razão, que era fundamental desviar o olhar. Viu a nuvem cinzenta aproximar-se, os ventos de sul trazendo-a para o meio da cidade, o cérebro de Deus vagueando ao sabor das brisas violentas do Inverno.

«Ando há muito tempo a compor este tema, mas não sei como terminá-lo», respondeu.